

DIÁLOGO ENTRE TEOFRASTO E DIDÁSCALIO (DO APRENDER NA DIFERENÇA)

Deniz Nicolay¹

deniznicolay@yahoo.com.br

Resumo: Diálogo entre Teofrasto e Didáscalio (Do aprender na Diferença). Este artigo é redigido no formato de diálogos, à maneira dos diálogos platônicos. Entretanto, diferente da forma de inspiração, ele não rende tributos ao universo conceitual de Platão. Mas apenas utiliza-o para contrapor à inspiração da Filosofia da Diferença, na sua raiz pré-socrática e, portanto, nietzschiana. São dois personagens (intercessores filosóficos) que tratam do aprender, das formas de ensinar e do sentido do que se ensina. Não existe consenso entre um e outro, pois suas percepções são extremamente distintas. De certa forma, são duas visões de mundo que se cruzam como um *agon* discursivo. Assim, a visão socrática-platônica é confrontada com a herança dionisiaca. Não existe vencedor. O tempo é que ensina o caminho.

Palavras-chave: Aprender. Diferença. Filosofia.

Abstract: Dialogue between Teofrasto and Didáscalio (Do learn the difference). This article is written in the form of dialogues, the manner of the Platonic dialogues. However, unlike the form of inspiration, he pays tribute to the conceptual universe of Plato. But only uses it to counter the inspiration of the Philosophy of Difference, in its pre-Socratic roots and therefore Nietzschean. They are two characters (intercessors philosophical) that deal with learning, ways of teaching and the sense of what is taught. There is no consensus between them, because their perceptions are very different. In a way, are two world views that cross as a discursive *agon*. Thus, the Socratic-Platonic view is contrasted with the Dionysian heritage. There is no winner. Time is the way he teaches.

Keywords: Learning. Difference. Philosophy.

No distante arquipélago da *Besthisfilia* existia uma cadeia de pequenas ilhas, cercadas por montanhas na parte norte e por rochas vulcânicas na parte sul. Desse modo, o viajante que porventura se arriscasse a penetrar no interior das ilhas teria que ultrapassar uma série de dificuldades, a saber, um mar permanentemente revoltoso e um terreno íngreme e descampado. Mesmo assim, alguns que por ali se lançavam, depois de enfrentar os desafios, nunca deixavam de apreciar as delícias que lhes eram oferecidas na Ilha dos Bem-Aventurados. Pois do solo dessa ilha nascia toda sorte de frutos e raízes, também as abelhas generosas partilhavam seu puro mel. A variedade era tanta que, quando o vento norte soprava em tempos de outono, muitos figos maduros ficavam a mercê do caminho, mesclando sua doce polpa com o verde das gramíneas. E, nessa profusão de cores e sabores, o paladar dos nativos que ali habitavam se acostumou com os afãs da Terra, a aprendê-la e a interpretá-la como quem segue um caminho pelos despenhadeiros da montanha. Inevitável, portanto, que o destino das plantas fosse o mesmo destino dos homens, que as chuvas da estação compartilhassem

do borborejar das idéias, que a plenitude dos mares ensinasse as lições do azul e que, antes de tudo, a altura dos cimos isolados apurasse o olhar na direção dos abismos. Eis os elementos de uma didática da Terra, de uma arte que cultivava as sementes do espírito para flamejar no intelecto.

Era nessa arte que contavam os anos de um velho habitante da ilha. De geração a geração, seu nome passava pelas recordações de muitos jovens. Não apenas pela figura sisuda e circunspecta, mas pela força de seus argumentos e pela entonação de suas palavras. A tez pálida e delgada depunha contra um par de olhos vivazes, assim como o talhe esquelético ludibriava uma grande energia. Para encontrá-lo, bastava seguir o curso das águas que margeavam a ilha, embora fosse melhor durante o sol nascente, uma vez que os raios palmilhavam o caminho como a graça de um colibri num abrir e fechar de asas. Fugia, quase sempre, das respostas evidentes e preferia o exercício da dúvida inesgotável. Talvez, por isso, os nativos o chamassem de *Didáscalio* (ou o jardineiro das ilusões). Nas horas vazias, deleitava-se com o assombro de orquídeas, ornadas à maneira dos geômetras. Transmutava, assim, do instante ideal da planta para a quadratura do espaço em apreensão (quando se tratava da arte de ensinar). Ou seja, cada estação correspondia a um tipo de procedimento, cada manhã a um tipo de lição e em cada palavra a profissão de fé do amador das pétalas multicores. Porém, não são as cores que lhe iludiam os olhos, mas a vontade de se abrir para a luz sem fim e, depois, como as flores murchas, pender-se para o nada.

Naquele tempo andava pela ilha um viajante solitário, que se atendia pela progênie de *Teofrasto de Amnéia*. Sua história era desconhecida dos mais velhos. Mas todos sabiam que *Amnéia* ficava ao leste do grande rio, além das montanhas de *Mefistófoles*. Os homens, que viviam nessa Terra, carregavam a alcunha de 'sem-memória', porque não lembravam, muitas vezes, nem da sua própria casa. Contava-se que um deles, de tanto olhar para o alto, não enxergou um grande abismo debaixo dos pés. Caiu e serviu de deboche para a população mediana, que naquele instante colhia favas. Mas, diferente do conterrâneo, o forasteiro seguia seu destino pelas paragens de um lugar conhecido como *Raposa Sarapintada* e, pelo compasso das passadas, sabia muito bem onde pisava. Também andava por ali o velho *Didáscalio*. Próximo à sombra de um imenso tamarindeiro, colhia cogumelos para transformá-los em chá medicinal. Este se encontrava agachado, com o traseiro empinado, e o rosto voltado totalmente para o chão. Estava vestido com roupas esburacadas, de modo que a posição deixava-lhe um tanto desprevenido. Assim o encontra *Teofrasto*:

— Por Zeus! Cruzei o Aqueronte e as montanhas de *Mefistófeles* e o que vejo é a própria visão do inferno. Que fazes nessa indecorosa posição criatura? Não me digas que também procura “um galo para Asclépios” (PLATÃO, 2002, p.178)? Anda, levanta-te da Terra e fala como os mortais.

Didáscalio: — Ora forasteiro, o decoro depende daquele que olha e vê, mas entre o ver e o pensar existem numerosas interpretações. Acaso vestirás um voto de fidelidade às pítias? Pois de um buraco se chega a outro. Transpô-los e retornar para o primeiro me parece o sentido do caminho. Há muito abdiquei dos deuses. Agora pratico apenas suas artes que, no orvalho das manhãs, se regeneram como a força da lagartixa. Experimento, então, uma nota de tristeza que vem enclausurada nas raízes das mandrágoras. E, dos cogumelos, percebo as cores vivas para me livrar do veneno que, oxalá, não venha a provar. Sim, por vezes volto a Terra, pois o homem não é mais do que o verme e, assim como este, supõe uma vida na podridão. Vejo-o, quase sempre, “refocilar despreocupado como um porco, no lamaçal de sua ignorância” (PLATÃO, 2001, p. 233). Embora creia que assim também o vê. Desse modo, a língua se prende na fala. Muitas vezes prefiro o silêncio dos bosques e a cantiga do rouxinol. Também me alegra o zumbido do zéfiro nas folhas das árvores. Quando não falo, canto, sopro ou grunho como um porco.

Teofrasto: — Evidentemente não costumamos render homenagens ao santuário da *Ilha das Lebres*², uma vez que tergiversa sobre o estável e o visível. Contudo, eu também não pratico orações à deusa³, tampouco faço reverência ao grande senhor délfico⁴. Mas, pelo que vejo, estamos indo na mesma direção, já que o homem não é mais que seu destino e o porco imolado tem mais valor que a próspera colheita. Assim, talvez, devesse saltar a lama, pois, o caminho que acena para as *terras dos hiperbóreos* passa além dos templos e dos homens. Seguimo-lo na correição dos insetos rasteiros, quando o tempo vilipendiar as chuvas da estação e os dias raiarem com tons escarlates. Vamos! Pelo Perro!⁵ Deves ensinar tuas artes aos filhos de Asclépios, antes que seja tarde demais. Há muito vejo a *alma mater* de alguns jovens se reduzirem a chicana de Momos audaciosos.

Didáscalio: — É urgente, também, um barco no mar. Os homens querem todo o azul, mas não apartam a cor das águas do oceano, nem voam como as gaivotas. Nas batalhas, ouço poucos lamentos, mas muitas espadas. E sempre, na hora derradeira, avisto a águia de Zeus sobrevoando o campo de Marte como prenuncio do raio abrasador. Em seguida: chove. Então, as gotas que caem lavam as faces dos guerreiros e de seus cavalos. A mesma água leva e lava. Às vezes, muitos corpos padecem para que outros possam vir a existir. Ora, um espírito se educa pelo fogo e pela dor. Mesmo as Parcas carecem

das peles do cordeiro para tecer a $\mu\omicron\iota\pi\alpha$ ⁶. No entanto, nada mudará entre os homens, os elmos e as palavras, enquanto estes não amarem a solidão. É preciso que, na solidão de si mesmos, eles aprendam o segredo da $\phi\acute{\upsilon}\sigma\iota\varsigma$ ⁷ e escutem os sons que vêm da Terra, do Acima e do Abaixo. Pois quem procura encher o frasco da poção mágica, assim como tu referes, deve entender de flatulências e escarros, já que para isso servem minhas poções. Todavia, preciso alertar-lhe: não curo. Torno meus discípulos pecadores da Grande Arte, das lições perdidas dos heróis de outrora. Mas isso te satisfaz?

Teofrasto: — Se os ensina a língua das serpentes é, creio, para ludibriar Cérbero nas portas do inferno. Aquele que cultiva botões de rosa sabe o tempo exato em que irão desabrochar, assim como a real necessidade dos espinhos doloridos. Não vejo arte mais bela (entre todas as que praticam os mestres-escolas) do que aquela estampada nas leis do universo, ainda no céu estrelado encontro seus sinais. Porém, não me apeteço, apenas, com o sentido das palavras, ainda que sejam as de Homero. Preocupo-me com o percurso, os detalhes da trajetória, que fazem até chegar ao coração do aprendiz. Por isso, devo confessar: “Há palavras que são abelhas para o espírito. Têm a insistência desses insetos, e o importunam” (VALÉRY, 1996, p.71). Haja vista, a habilidade daqueles filósofos conhecidos por Sofistas, pois ensinam até mesmo um asno a pedir feno e rir de seus adversários. Tudo com uma condição: a de receber seu peso em ouro. Sobre isto, vejo que ainda não manifestou termo. Não quero imaginar que, como os míseros pastores correm atrás de seu cansado desatino, também corras atrás das ovelhas desgarradas para arrebanhá-las numa corte.

Didáscalio: — E, quando as ovelhas olham para o homem, o que vêem? O que é o animal para o homem? Nos animais, viver significa esquecer. Nos homens, dirá o irmão menor de Adimanto: “Esquecer é abandonar o conhecimento” (PLATÃO, 2009, p.105). O contraste entre o vital e o essencial está naquilo que os antigos poetas chamam de *thymos*. Todos os deuses morreram dessa doença dos instintos, nem mesmo o mais poderoso deles resistiu. Todavia, reza a lenda que um deus de *thyrsos*⁸ nas mãos refugiou-se para as entranhas da terra e por lá se ocultou. Dizem que ele sempre retorna para trazer a alegria e o sonho, basta senti-lo na forma de *Enthousiasmos*. Seu culto não está isento da selvageria dos animais. Nele, o homem é uma mescla de situações: de criatura bestial torna-se *entheos*⁹, de sofredor torna-se vitorioso, de tímido torna-se excessivo e de anônimo torna-se rapsodo. Portanto, pouco importa se não queres o ouro dos desdentados, mas, se ainda sonhas com os desdentados de ouro, estais tão longe da *terra dos hiperbóreos* quanto as vinhas da brotação. Por sinal, broto de vinha (*Baco*) é o nome desse deus.

Teofrasto: — Será possível instruí-los na geometria ou nos cantos das auroras? Eles, os discípulos de alma vazia e coração forte, tão forte como o leão da montanha, embora frágeis nos princípios da dialética. De fato, ainda não encontrei o caminho do esquecimento. Talvez tenha procurado em demasia ou, quem sabe, nunca está onde o procuro. No entanto, algo me ocorre: sem a convicção da primeira síntese, da orientação e da reelaboração mental, como se chega ao conhecimento? Haverá entre os convivas do banquete alguém que erga a taça a Baco e afirme: *in vino veritas*?

Didáscalio: — Malícias minhas palavras como um espírito da gravidade. Entre eu e tu existe apenas um corpo e, entretanto, nada nos separa mais no universo que a vontade de ultrapassar os deuses e lhes furtar seu brilho. O que chamas de princípios do conhecimento são apenas lorotas de canalhas desocupados, pois as ideias estão aqui, entre o Sol e a Terra: mire e veja-as! Há muito colho pérolas no mar da ignorância, porém, pouco ou quase nada resta daquilo que entendes por ὀφθαλμοφανές¹⁰. As ilusões que invadem teu pensamento não condensam a primeira, nem a segunda, quanto menos a terceira síntese (daquilo que interpretas do livro). Do três, somado outro três, se chega ao homem; e, do homem, somado ao seu igual, se chega à besta. Assim: do prado ao nada queres educar teu semelhante? Então: corra! Antes que este descubra, por si só, que as brumas encobrem o infinito e que um erro oculta outro erro. Quando enxergas a ovelha tresmalhada é porque, como bom pastor, queres o retorno à unidade do rebanho. Temo que o leão se torne criança e que a criança novamente se torne leão (Cf. NIETZSCHE, 1986, p.43). Por isso, cuidai de tuas ovelhinhas!

Teofrasto: — Brilhante fórmula de um pirroniano inveterado! Tuas alegorias refutam a ciência dos pedagogos e dos mestres-escolas em proveito das bacanais na floresta. Não é isso? Pelo visto não concordas “que nossa ciência é apenas reminiscência” (PLATÃO, 2002, p. 120), tampouco que nos limites do cognoscível, daquilo que se pode aprender, está à ideia do bem comum. Logo, quanto mais honesto e de natureza reta for a índole daquele que ensina, também será a de seu discípulo. Imagino como seria o destino daqueles orientados na arte da vadiagem. E, se o homem supõe a besta, não seria de praxe que a educação contivesse seus instintos, fizesse-os voltar para dentro?

Didáscalio: — É preciso que o discípulo supere o mestre, torne-se vasto como o copado dos carvalhos. Embaixo, nas suas raízes, está o *húmus* que serviu de alimento para a longa jornada. Nessa direção, ele precisa de duas coisas: espaço e liberdade. Por isso, o único método é aquele que multiplica as direções, que olha o saber sob diferentes pontos de vista e, assim, deixa o percurso para o desejo do caminhante. Nada é fácil, pois muitas pedras pontiagudas ficam ocultas pelo caminho, esperando o

momento certo de ferir a planta dos pés. Ferindo-as, também ferem as ideias. Talvez tuas ideias, feridas, ficaram pelo caminho. Devo, contudo, afirmar: “Não há detalhes na execução” (VALÉRY, 1996, p. 33), nem Bem nem Mal. Algo como um *querer-viver* invade a obra dos poetas. Mesmo Focílides¹¹, que era muito apreciado pelos antigos, não iria negar que quando se tem com quem viver deve-se praticar a virtude. Aprender a *conviver* é a grande lição do universo e nisso somos tão leigos como os parvos pardaizinhos. Desse modo, tudo que sob a marca da dor, num esforço de Sísifo, é interiorizado na égide de ensino tende, em algum momento, voltar-se para fora. Entre o dentro e o fora se passa a paixão: *pathos*.

Teofrasto: — Então: nada se aprende diretamente como também não há nada que se possa ensinar. Foi isso que suas palavras tentaram afirmar? Sinceramente, não vejo mais diferença entre dois tipos de filósofos: *philodoxos* e *philosophos* (Cf. PLATÃO, 2001, p.178), seguindo seu raciocínio que postula a distância do mestre para o discípulo. Mas e os saberes? São os mesmos? Qual o seu valor? Meu bom amigo, por graça de Deméter, que é quem produz o feno pelos campos, devo lembrar-lhe das façanhas de Dédalo e de sua destreza ao flutuar pelo espaço, por sobre o labirinto de Minos. Nesse feito, não houve influência de nenhuma musa inspiradora. A Tripla Deusa¹² não iluminou seu filho, porém algo tão singelo aconteceu: um artesão foi senhor da sua arte.

Didáscalio: — Ora, esqueceste o motivo de Dédalo ter sido exilado no Areópago? Talo, um jovem aprendiz, queria superar o mestre e este, por ciúme e, receio, assassinou-o. A arte do morto perseguiu-lhe por toda a vida como a doença persegue o doente. Também o gosto sublime pela *philia* persegue as ideias do aprendiz, mas na forma de um morto-vivo tão ao modo de Minos, Eaco e Radamanto¹³. Em verdade te digo: o corpo é uma incógnita para o homem e, ao mergulhar no oceano de si mesmo, qualquer valor moral é transmutado na defesa da preservação da espécie; assim prega a sabedoria dos antigos. Vi homens cultos fazerem de seus saberes jogatinas da superfície. No entanto, há muito carecemos de escavadores de baixos fundos. De certa forma, tais homens devem revestir-se das habilidades de um Herácles, assim como este se revestiu com as peles do leão de Neméia. Por isso, o Não-ser vive e revive no Ser, a cada vez, noutras vestes e, com isso, persegue o coração do guerreiro. O problema é o peso do morto sobre o vivo, quando a essência de tudo que é ativo torna-se reativo. Então, deveis abdicar de todo tipo de saber que, em sua grandeza, não valha a pena viver. Portanto, no instante em que olhas para o mar e vê que, para além das falésias, repousa o sol dourado da alegria, por certo, da mesma forma quererás, na tua alma, a alegria do acaso. Não é isso?

Teofrasto: — Já não vejo sinais de fidelidade nas papoulas que crescem nos geométricos jardins. Pois sua seiva verdejante esconde as ilusões do ópio, cujo excesso pode matar o mais apaixonado dos homens. É provável que o “servidor dos onze” (PLATÃO, 2002, p. 101) tenha misturado algumas gotas de seu suco na cicuta que bebeu o mais nobre ateniense. Alguns êxtases da vontade dependem de uma estranha motivação, de certo gosto por explorar territórios inóspitos. Mas não condeno as águas do rio Estige que sempre correm para o mar subterrâneo. Porque o negro dessas águas reflete apenas a escuridão da noite eterna, sustentada por uma abóbada obscura e sem estrelas. Muitas vezes estive perdido aos pés de um céu sem estrelas. Vaguei léguas e léguas à procura da claridade das manhãs. E, confesso: foi meu mestre que me expôs à força do sol, ao universo do visível e do inteligível (Cf. PLATÃO, 2001, p. 213). Nesse sentido, ao acaso respondo com os votos da necessidade e, ao fraquejo da força respondo com a coragem do filho de Peleu. Contudo, dize-me: a alegria é pela inocência do Não-saber ou pelo vazio do Não-ser?

Didáscalio: — Um espírito positivo disse, em sonho, certo dia ao teu mestre: “[...] exercita-te na música” (PLATÃO, 2002, p. 105). Todavia, ele era bom demais para compor versos, racional demais, humilde demais. Foi escravo cativo de suas palavras e, por isso, pereceu agarrado ao manto de sua vã φιλοσοφία¹⁴. Não acredito que tenha corrompido a juventude. O mais provável é que os sorrisos dos jovens tenham lhe corrompido. E, sobre a claridade do mundo das ideias, importa afirmar que os olhos, por vezes, se tornam viciosos. Eles veem o que querem ver. Embora cambiantes, passam da escuridão à luz e da luz à escuridão. Detenha-se naquilo que você pode ver de olhos fechados, no que está envolvido pela aparência e não se oculta na essência. Aliás, o mocho do eremitério pressente sua presa porque fareja o sangue, quando este ainda lateja nas veias dos pequenos roedores. A arte do mocho é a que ensina a contornar os olhos para trás, sem mover o corpo. Ora, sou um velho mocho para o mundo das ideias e para seu ilustre produto: o homem de rebanho. Quando falo da grande paixão pela vida me refiro, inclusive, ao grande ódio por esse tipo de homem. Aquele que pensa nas regiões mais elevadas da alma requer certa distância dos indivíduos rasteiros, pois sempre existe o risco de ser contaminado por seu veneno. E é para evitar esse veneno que fabrico minha poção: o nojo se converte em alegria. A música desse instante é como um pio do mocho na escuridão (vem e vai), mas mantém a suprema distância do ouvinte. Pena que teu mestre nunca aguçou os ouvidos!

Teofrasto: — A música é um dom de Mársias, Sátiro desafeto de Apolo, que libertou a melodia das notas musicais. E tu? Acaso queres libertar Prometeu de seus grilhões? Da maneira como estais

vestido é provável que, em sua elocução, escute dos jovens insultos e xingamentos. Não estou certo? Talvez continues a pensar nos discípulos ideais para tuas palavras, em seguidores apaixonados pelos crótalos báquicos. Mas, para isso, carece que antes de tudo eduque os ouvidos de teus discípulos. Pois o labirinto estendido entre o homem e a besta tem, além dos mistérios traçados de antemão, uma única porta para que possas penetrá-lo. Nessa porta está escrito os seguintes dizeres: “É preciso escolher ser um homem, ou então um espírito” (VALÉRY, 1996, p. 129). Este é o grande desafio do mestre: para além da *tecne* ou da *teoria* se encontra o desejo da criação, uma vontade de ultrapassar os deuses e, como o labirinto, um enigma sempre novo a cada jornada. Concordas com esse raciocínio?

Didáscalio: — Pela delicadeza e profundidade dessas palavras creio que estamos chegando a um termo. Lembro que um jovem, chamado Jasão, enfrentou (aliado aos argonautas) os piores desafios em busca do Tosão de Ouro. Minhas palavras serão como um Tosão de Ouro para aqueles que vierem na minha direção. Sejam eles solitários ou embalados pelas cantigas dos velhos marinheiros:

*Eia, que vida essa! Essa era a vida, eia!
Eh-eh-eh-eh-eh-eh-eh!
Eh-lahô-lahô-laHO-lahá-á-á-à-à!
Eh-eh-eh-eh-eh-eh-eh!
(PESSOA, 1998, p. 97)*

Pois minhas lições são do tempo presente, da vida presente, dos homens presentes. Eis que irei ensiná-los em forma de canção, assim proclama a sabedoria do velho deus coxo. Porém, pelo que observo nas lojas de ensino, os jovens partilham de regras e princípios morais, cujos valores são afirmações de almas vazias, quase todas degradadas do *Hades*. Ainda vejo, a cada dia, espíritos criativos serem ceifados como pasto a *Astérion*. Mas não vejo o fio de Ariadne; quando muito, constato o esforço supremo de alguns bandos nômades para quebrar a maldição do Ego, destronando seu próprio *monstro-tirano*. Então urge agora, entre mim e ti, uma corda estendida que divide o bem e o mal, o corpo e a matéria, o real e a ilusão. E, ainda que tal corda prediga o seu contrário, será necessário alimentarmos a diferença. Será necessário que nos tornemos inimigos, um do outro, como dois guerreiros que combatem pelo desejo de lutar. Desse modo, o mesmo instante, que marca a força da palavra e o tom da canção, também deverá alimentar essa misteriosa paixão, essa vontade de bailar sobre o *logos*. Não procures a verdade ou a mentira nas minhas palavras, apenas se defenda de si mesmo, das luzes que acredita ver. Haverá o tempo em que o ilógico destronará a razão e o homem

não será mais que seu auto-engano. Enquanto esse tempo não irrompe no horizonte, preciso saber: bailas comigo?

Teofrasto: — Encontrei-o depurando mágoas e dissecando tristezas, entretanto, agora, quando sigo meu caminho, vejo-te como um bobo cortejando pequenos infantes. Dar-se-ia que o vinho novo rompe no vaso velho? O certo é que teu sorriso é o mais sincero, porque não vejo dentes na tua boca. Pouco importa se tuas vestes servem de batas para ocasião de rituais ou de farrapos para os mendigos. Pois somos todos mendigos do saber, eternos comediógrafos da Grande Arte. No entanto, por força e obra da Necessidade, coube-nos a árdua tarefa de introduzir vistas em olhos cegos, mesmo para os que não querem ver. Mas, se porventura conduzi-los apenas na direção dos saberes de *Calíope* e *Terpsícore*, como apraz ao velho educador da Grécia, temo “que tua cidade seja governada pelo prazer e pela dor, em lugar da lei e do princípio que a comunidade considere o melhor” (PLATÃO, 2001, p. 306). Então, não julgas conveniente que, para a felicidade de todos, sejamos governados por reis filósofos, forjados na mais absoluta contemplação das ideias?

Didáscalo: — Quando imagino que a nau destemida deixa o porto e se lança solitária e alquebrada pelos confins do oceano, é por acreditar que jamais irá retornar ao ponto de partida. No entanto, os pequenos homens, que conduzem essa nau, sempre retornam. Ora, o homem pequeno é o grande fastio do mar. Quisera um porto seguro para meus pensamentos, mas quando se aproximam do arpoador são sempre dissolvidos pela fúria das marés. Daí não me lembrar de nenhuma direção, do que fizera ou dissera. É assim que recomeço a cada vez. E, a cada vez, uso uma máscara diferente. Por vezes sou Agamenon, outras vezes Aquiles, até mesmo Apolo e Baco. No fundo, todas as idéias são simulações, pois se houvesse aquilo que denominas de *essência da verdade*, já teríamos encontrado tal fundamento. Ao contrário, o único meio de conhecimento é a vida. E os homens, as naturezas nobres e elevadas, entendem essa vida no seu sentido plástico e plural, ou seja, uma “paixão originária do sofrimento do ser como a própria essência da *ipseidade*” (HENRY, 1985, p. 135). Portanto, a felicidade está na discórdia originária, o oposto da representação. Embora creia que, um dia, o homem pequeno desaparecerá no âmago da natureza, pela letargia de seu pensamento e pela rigidez de seus músculos, logo devo anunciar uma nova era de Titãs. A nova ordem revela-se instauradora do culto ao desmedido e ao desproporcional. Talvez, nesse momento, careçamos de um novo educador, discípulo de Artêmis e amigo de Prometeu, seu nome: *Quíron*. Vede que, ainda velho, fascinou uma geração de heróis, demonstrando força, habilidade e voluptuosidade nas artes e na

guerra. O excessivo torna-se verdade, a única verdade. Nesse sentido, pouco importa se o governo é exercido por reis ou sacerdotes, pois ambos padecem do mesmo mal: têm os pés de chumbo e a consciência de aranha. Diga-me: acaso também aprendeste a arte de capturar insetos?

Teofrasto: — Algumas palavras são como as flechas mortais de Atalante, dirigidas ao corajoso pretendente. É impossível se esquivar do veneno que arrebatava o corpo, tampouco da malícia do objeto amado. Mas outras: orvalho apenas. Entre a alegria e a tristeza, o pesado e o leve, o perto e o distante, prefiro colher as maçãs de ouro que Hipomênês espalhou pelo caminho (Cf. JULIEN, 2005, p. 112). Dessa forma, venero os ensinamentos daquele que predisse a alegoria de um mundo justo e bom. Apesar de sofrer injúrias e calúnias na defesa dessas ideias; ainda assim, permaneço fiel ao pórtico. E, ao ultrapassá-lo, espero vê-lo cercado de pensamentos benfazejos, sem se esquivar das respostas e ao lado de teus discípulos favoritos. Pois, se assim os considera, faz jus ao nome pelo qual os nativos te reconhecem, quer na imanência que liga a vida a si mesma, quer na transcendência que liga a ponte entre o ser e a consciência, será sempre um mestre das ilusões. Agora, deixo-te como te encontrei: calado, obscuro e com sementes venenosas nas mãos. Sinceramente, já não sei mais se devo levar guirlandas e oferendas ao barco que retorna de Delos ou se, com um punhado dessas sementes, abrirei passagem na travessia das águas. Que achas?

Didáscalo: — O homem não é mais do que uma ponte estendida entre a verdade e a mentira. Ele sobe da Terra ao céu e do céu vem novamente a Terra e, de novo, recebe o poder do Acima e do Abaixo. A Força e a Vontade vem da terra. Por isso, deves separar a terra do fogo, os conceitos das palavras, mas com a habilidade do jardineiro que separa a erva-daninha das rosas. Um nome não é mais do que um nome. Nada ou ninguém ofusca o olho do ciclope, assim canta o poeta que promete a liberdade. Portanto, afirmo-te: o barco e as águas estão em ti, mas a passagem é obra do querer. A superação de si mesmo depende da intensidade e da paixão. E, se nesse momento, tens que partir para o caminho dos homens; então, ides sem olhar para trás, antes que teus olhos desencantem as ideias. Esqueça de tudo que disse, pois posso ter lhe enganado. Olhe para frente e veja: o trabalho do sol está cumprido.

Notas explicativas (alusivas ao nome dos personagens):

**Didaskaliká* (instrutora) e *hêgemoniká* (guia), termos com os quais Filolau define a natureza do número. *Didáskalos*, mestre instrutor: aquele que se dispõe a ensinar, anunciar, preescrever (*didáskô*), aquilo que diligentemente se dedicou a apossar-se. O substantivo *didaskalia* indica a atividade de ensino e *didachê*, tanto

o ensinamento quanto a doutrina comunicada mediante instrução. A *didascália* dizia respeito a um conjunto ordenado de preceitos e instruções relativos à representação teatral.

**Teofrasto* (372-287 a.C), filósofo grego, aluno de Platão e Aristóteles, autor de *De causis plantarum*.

REFERÊNCIAS

HENRY, M. **A morte dos deuses**: Vida e afetividade em Nietzsche. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

JULIEN, N. **Dicionário Rideel de Mitologia**. São Paulo: Rideel, 2005.

KRAUZ, L. (Org.). **História viva**: Dionísio. São Paulo: Dueto Editorial, 2003. (Col. Deuses da mitologia, v. 4).

NIETZSCHE, F. **Assim falou Zaratustra**. São Paulo: Círculo do livro, 1986.

PESSOA, F. **Poemas escolhidos**. São Paulo: Klick, 1998.

PLATÃO. **A República**. São Paulo: Martin Claret, 2001.

_____. **Diálogos** (Apologia de Sócrates, Eutífron, Críton, Fédon). Curitiba: Hemus, 2002.

_____. **O banquete**. Porto Alegre: L&PM, 2009.

VALÉRY, P. **Eupalinos ou o arquiteto**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1996.

_____. **Introdução ao método de Leonardo da Vinci**. São Paulo: Ed. 34, 1998.

¹ Doutorando em educação pelo PPGEDU/UFRGS, na linha de pesquisa "Filosofia da Diferença e Educação". Membro do DIF: artistagens, fabulações e variações. Professor da área de Fundamentos da Educação na Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS - Campus Cerro Largo/RS).

² Ilha do mar Egeu, também chamada de *Ortigia* (a ilha dos cascalhos), *Cíntara* ou *Pelágia*. Na mitologia é conhecida por *Delos*, berço de Apolo (Cf. JULIEN, 2005, p. 66).

³ Para os Atenenses, usualmente era Arena ou Artêmis.

⁴ Refere-se a Apolo.

⁵ O juramento pelo cão (o deus egípcio Anúbis, que tinha cabeça de cão) aparece muitas vezes na boca de Sócrates, embora não seja exclusivo dele (Cf. PLATÃO, 2001, p.92, nota 46).

⁶ Moira: destino.

⁷ Phýsis: conceito ampliado de natureza entre os gregos pré-socráticos.

⁸ Um longo bastão de madeira cujo topo está coberto de folhas de hera ou de vinha (Cf. KRAUSZ, 2003, p.17).

⁹ Com o deus dentro (*Ibidem*, p.18).

¹⁰ Alethéia: verdade/realidade.

¹¹ Poeta gnômico grego do séc. VI a.C., de quem só se conhecessem algumas frases.

¹² Rea.

¹³ Os três juizes do inferno.

¹⁴ Filosofia.